

**REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DAS OBRAS RELEVANTES
PARA A HISTÓRIA DOS CAMPOS DOS GOITACAZES**

Marco Polo Teixeira Dutra Pheneé Silva

Resumo: *apresentação e comentários sobre os mais antigos e mais citados livros relativos à geografia, descrição ambiental e história dos Campos dos Goytacazes (RJ).*

Abstract: *presentation and remarks on the oldest and most quoted books about Geography, Environment and History of Campos dos Goytacazes (RJ).*

1. Apresentação

A história de um povo é conhecida principalmente pelos documentos que ele deixa em seu testemunho. Há algumas edições atrás, tratamos do mais antigo livro de notas de tabelião hoje existente sobre a comarca dos Campos dos Goytacazes.

Neste artigo, trataremos das obras que nos deixaram estudiosos que viveram ou visitaram a região. Deixamos de fora nesta resenha o testemunho de historiadores estrangeiros que passaram pelo norte fluminense.

2. A Revisão Bibliográfica

O mais vetusto escrito sobre a história do norte fluminense chama-se "Descrição Geográfica, Política e Cronográfica do Distrito dos Campos Goitacás", de autoria do engenheiro militar Manuel Martins do Couto Reis, publicado em 1997 pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Couto Reis nasceu em Santos (SP), sentou praça em 1768 no Regimento de Infantaria da Capitania. Dali seguiu para a Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul para lutar contra os invasores espanhóis. Terminada a guerra, procedeu a levantamento cartográficos na região e também no Rio de Janeiro, entre os quais a obra ora em exame. Morreu em 1826 no Rio de Janeiro.

Na obra relativa a Campos dos Goytacazes, à parte seu objetivo cartográfico, Couto Reis informa sobre a fauna e flora da região, fornece dados políticos, censitários, econômicos, históricos, etnográficos e sociais da terra. Tudo recheado de comentários pessoais e informações adicionais coletadas *in loco*.

Ali ele informa as freguesias e capelas, enriquecidas com notícias sobre a localização e histórias delas. Descreve as festividades, vestuários, traça um perfil psicossocial da gente, sua pouca inclinação aos estudos etc. Muitos de seus comentários soam muito modernos ainda hoje.

Ele também examina a base econômica, a produção local, a posse da terra a partir das divisões em sesmarias. Trata dos primeiros proprietários e dos conflitos agrários que ali ocorreram.

Em adições ao relatório, fala dos ferozes indígenas que ali viviam, seus rituais antropofágicos, seu modo de vida, religião e governo. Outra adição trata do trabalho evangelizador e o aldeamento dos indígenas.

Durante toda a obra, Couto Reis se detém em pormenores que conferem ao quadro uma amplitude muito maior que o próprio objeto de seu estudo: aqui explica os cursos dos rios, ali a etimologia de um topônimo ...

Em antiguidade, a segunda fonte de estudos históricos é a "Memória Topográfica e Histórica sobre os Campos dos Goitacazes", de autoria de José Carneiro da Silva, publicada em 1819 pela Imprensa Régia.

José Carneiro da Silva nasceu em Quissamã (RJ) em 1788, sendo mais tarde o primeiro Barão de Araruama. Serviu no regimento de Milícias de Campos dos Goytacazes, chegando a tenente coronel. Lutou ao lado do jovem Imperador do Brasil, desde o tempo de sua Regência. Chefe da 14a. Legião da Guarda Nacional, sucessora das milícias pró Dom Pedro. Pecuarista e dono de engenho de cana-de-açúcar, foi líder político na região e fidalgo da Casa Imperial.

Também intelectual, deixou observações científicas e ensaios filosóficos. Além da citada obra, deixou também outras, sobre a abertura de canal entre Campos e Macaé e lhe foi também atribuída a *"Memória sobre Comércio dos Escravos, em que se Pretende Mostrar que este Tráfico é, para eles, antes um Bem do que um Mal"*, de 1838.

A *"Memória Topográfica ..."* guarda uma estrutura um tanto arcaica, mas que foi preservada na maior parte das histórias regionais norte-fluminenses escritas depois dela.

Dedica a primeira parte à descrição topográfica e orográfica da área. Diz da aptidão dos diversos solos para esta ou aquela exploração rural. Em seguida descreve as vilas e freguesias então existentes.

Na parte segunda de seu trabalho, examina as nações indígenas que ali existiam quando da chegada dos brancos, suas religiões e seus costumes. A nós deu a impressão de ele ter tido acesso ao relatório de Couto Reys, pelo paralelo das descrições. Mesmo porque não era costume dos historiadores se ocuparem dos negros da terra.

A seguir ligeiramente flana sobre a história do local, sob um ponto de vista quase exclusivamente político: os primeiros sesmeiros, a efêmera Câmara de 1652, a elevação do arraial em vila, a visita do bispo Alarcão, a sucessão dos capitães donatários e alguns fatos políticos isolados, tais quais a anexação dos Campos ao Espírito Santo (1741), o levante de 1748 e assim por diante. Em seguida, trata de tópicos mais curiosos que históricos: o estabelecimento dos correios, a introdução da vacina, a reforma e óbito de seu parente cel. José Caetano, a criação do distrito de Macaé, a abertura de um caminho para Minas Gerais.

Encerrando, relata os principais produtos da região, elabora uma lista dos governantes e detentores de outros cargos importantes na capitania. E ao final breves notas sobre algumas personalidades que ali viveram nos séculos XVII e XVIII.

A terceira obra mais antiga e abrangente sobre a região, embora mais enfocada em São João da Barra, é a célebre "História do Descobrimento e Povoação da Cidade de São João da Barra e dos Campos dos Goytacazes - Antiga Capitania da Paraíba do Sul - e da Causa e Origem do Levante Denominado <<dos Fidalgos>> Acontecido em Meados do Século Passado", escrita por Fernando José Martins e publicada em três volumes em 1868 pela Typographia Quirino & Irmão (Rio de Janeiro).

Fernando José Martins nasceu em São João da Barra. Foi advogado e major da Guarda Nacional. Fazendeiro e escritor.

O formato de sua obra é mais jornalístico que acadêmico. Raramente o autor cita suas fontes ou transcreve documentos, embora apresente u'a miríade de informações inéditas.

A narrativa não segue necessariamente um curso cronológico nem temático.

Descreve a vila de São João e seu entorno. Fala dos primeiro sesmeiros e sesmarias, outros povoadores, da economia, das estradas e topologia, das instituições civis e religiosas. A exemplo de Couto Reys, trata do caráter e costumes dos habitantes de seu tempo. Aborda um item interessante para estudiosos de economia colonial: o orçamento do concelho.

A segunda parte da obra de F. J. Martins é dedicada à História, agora de um modo mais sistemático. Mas mantém o antigo estilo de ver a história sob o prisma dos governos, dos governantes e das instituições governamentais. Uma notável exceção é a lista de habitantes que elabora a partir de inventários e testamentos sobre os quais não há hoje a menor notícia de seus paradeiros.

No capítulo III desta segunda parte, há interessante descrição de como se processavam as correições setecentistas. E no capítulo IV ele apresenta novos episódios, alguns anedóticos outros de conflitos pessoais, envolvendo vigários e outros cidadãos do país. Detém-se também falando da história das igrejas e irmandades sanjoanenses.

A terceira parte começa pela lista de autoridades que governaram o distrito, de algumas devassas que achou importantes ou curiosas. E encerra a seção com a genealogia das mais destacadas famílias sanjoanenses.

A próxima obra antiga é chamada de "Apontamentos para a História da Capitania de São Tomé", da lavra de Augusto de Carvalho, publicada em 1888 em Campos, pela Typographia e Lythographia de Silva, Carneiro & Companhia.

Ele rompe com a toada estilística dos trabalhos anteriores ao incorporar uma profusão de transcrições de documentos.

Inicia a obra procurando demonstrar a existência da Atlântida e a origem do nome Brasil. Mas logo volta a um formato mais científico, estudando o implantação e fracasso da capitania de São Tomé, concedida a Pedro de Góis e que depois passou a Gil de Góis. Junto a ela, nos mostra eventos ocorridos em Cabo Frio e no Rio de Janeiro e que indiretamente influíram nos acontecimentos do norte fluminense, inclusive a retomada da dação de sesmarias na região do rio Paraíba.

Na parte terceira estuda a retomada da capitania pela Coroa e a concessão de sesmarias em São João da Barra, bebendo suas informações na obra de F. J. Martins.

A quarta parte é curta e dedicada ao período dos Assecas.

Em seguida, o autor contesta informações de terceiros que ele considerava falsas. E reserva uma seção para o estudo da legislação, usos e costumes portugueses que ajudariam a entender como funcionavam as instituições locais.

Também reserva uma parte do livro para estudar os habitantes da região, as razões européias para a importação de escravos, o discurso evangelizador dos governantes e dos religiosos. Um bosquejo mais filosófico que propriamente histórico sobre os índios e negros.

Na seção seguinte, o autor alude a dois documentos a que ele teve acesso e que até então eram inéditos aos historiadores norte-fluminense: o "Roteiro dos Sete Capitães" e o manuscrito de Couto Reys, de que falamos no início desta revisão bibliográfica. E passa a descrever o conteúdo deles, contrapondo tais dados com o que já se havia escrito sobre a história da capitania.

Apenas *en passant* nos convém destacar um repositório fantástico de documentos coloniais e imperiais que é "A Questão Forense - O Mosteiro do Rio de Janeiro de a Câmara Municipal de Campós: Razões Finais Apresentadas por Parte do Mosteiro pelo Advogado dr. Antônio Carneiro Antunes Guimarães" (Campos, Typographia do Monitor Campista, 1893). Não se trata de um livro de

história, como bem esclarece o título, mas das peças de um processo judicial do Mosteiro contra a edilidade campista pela posse de terras.

Outro grande nome na historiografia campista surge quando em 1900 Júlio Feydit publica seus "Subsídios para a História dos Campos dos Goitacazes".

Júlio foi proprietário, junto a seu sogro David Koch, do cortume de Campos, nas Covas de Areia.

Essa obra mescla o estilo de documentação farta de Augusto de Carvalho com o antiquado estilo de enumerar eventos singulares e isolados.

Ativo anti-clericista, ele revisou as idéias então vigentes sobre a religião de índios e negros. E negou diversos outros costumes que escritores que o antecederam atribuíram aos índios.

Revisando os documentos publicados pelos autores que o antecederam, ele ficou conhecido pela análise de alguns episódios em particular: a concertação entre os sesmeiros em 1648 e a demanda dos beneditinos pela posse do território onde se ergueu a cidade de Campos.

Mas não pára aí. Ele publica o documento de concessão de terras à aldeia do guarulhos, autos de posses, correspondências oficiais (em particular relativas à oposição da Câmara campista de dar posse em 1730 ao capitão mor nomeado). Em sequência, se debruça sobre os eventos de 1748, onde refulge a figura de Benta Pereira.

Deste ponto em diante, a obra passa a dedicar-se a episódios pontuais, mas quase sempre bem fundamentados com a transcrição de documentos. Trata da ereção da igreja de São Salvador e outras igrejas, de novas estradas, da economia campista em 1898, das ruas e praças da cidade, dos assassinios de José Barroso e Ana Pimenta, a morte do dr. Aypio, empastelamento de um jornal, da limpeza pública, do cólera-mórbus ... e por aí vai. A maioria desses fatos contemporâneos ao autor, como uma coleção de crônicas.

O próximo grande nome na historiografia norte fluminense é Alberto Lamego, com sua "A Terra Goytacá à Luz de Documentos Inéditos", obra em dois volumes, primeiramente trazida a lume em 1913 em Bruxelas, pela L'Édition d' Art.

Para muitos, Alberto Lamego é o "crème da la crème" da historiografia campista. Nascido em Itaboraí (RJ), estudou Direito em Recife e depositou na

prestigiosa Academia de Direito de São Paulo. Foi advogar em Campos dos Goytacazes, onde escreveu diversas obras de história local, como "Verdadeira Notícia da Fundação da Matriz de São Salvador e de seus Párochos de 1652" (1925) e "História de Campos dos Goitacás, sob domínio dos donatários -1534-1753" (Manuscritos – coleção de J. F. Carvalho –181 folhas) e a citada "Terra Goytacá".

Como o título informa e o autor reforça na introdução do livro, ele esteve em Portugal, onde pôde ter acesso a documentos ainda não estudados por historiadores brasileiros.

A obra é escrita em estilo acadêmico, extremamente farto de notas explicativas e revisa todos os pontos tocados pelos trabalhos anteriores, muitos dos quais à luz dos documentos que transcreve ou dos quais apresenta fac-simile. Dessa maneira, embora sejam poucos os tópicos inéditos (como o das estrepolias dos beneditinos em fins do século XVII), a riqueza de detalhes em que são reestudados traz nova luz à sua compreensão.

Por ter buscado novas fontes em Portugal, é natural que muitos dos aportes sejam de natureza administrativa. O trabalho dá mostra também de que ele consultou o arquivo da Câmara de Campos.

Entre os mais modernos historiadores, destacamos também Horácio de Souza ("Cyclo Áureo", de 1935) e João Oscar ("Apontamentos para a História de São João da Barra", 1976). O primeiro um repositório de tópicos contemporâneos, como a história das ruas de Campos dos Goytacazes, as colônias de estrangeiros que ali se estebeleceram, a viação pública, energia elétrica, o cólera-morbus de 1855, as religiões novas que foram introduzidas, grandes desastres que enlutaram as famílias etc. Na mesma linha segue a obra de João Oscar, falando das rádios, usinas, clubes sociais, visitas do Imperador.

João Oscar publicou, também, um estudo de molde mais acadêmico: "A Escravidão em São João da Barra".

Depois da instalação de curso de História em Campos, alunos e professores retomaram temas campistas. Alguns incorporaram um material até então inédito: os processos de inventários de bens e os testamentos. Ademais, abandonaram a mera descrição fática da História campista em favor do exame das causas que atuaram sobre essa sociedade. Ou seja, passando de uma visão estática da história campista para um enfoque dinâmico da mesma.

Nessa categoria temos diversas teses que devem ser de estudo obrigatório pelos candidatos a historiador do norte fluminense. Destacamos a "A

Colônia em Movimento: Fortuna e Família no Cotidiano Colonial" (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998), tese de doutorado da prof. Sheila de Castro Faria, um estudo sobre a mobilidade social e outros aspectos da sociedade campista. Também nessa linha vem "A Remissão do Cativo" (Rio de Janeiro, Apicuri, 2009), tese de doutoramento de Márcio de Sousa Soares, relatando a vida cotidiana e as formas de alforria de cativos.

Esta bibliografia não se esgota aqui, pois há dezenas de artigos em revistas que poderiam também merecer referência, alguns decerto importantíssimos para a inteligência de pontos da História. Mas reconhecemos nosso desconhecimento quanto a elas, razão pela qual não nos detivemos neles.